

## **DAS DESVANTAGENS DO LIVRO DIDÁTICO PARA O ENSINO DE FILOSOFIA: a atualidade do pensamento de Nietzsche**

Eduardo Ferraz FRANCO, Carmelita Brito de Freitas FELÍCIO

Faculdade de Filosofia - Universidade Federal de Goiás

[eferrazfranco@hotmail.com](mailto:eferrazfranco@hotmail.com); [carmelaf@terra.com.br](mailto:carmelaf@terra.com.br)

**Palavras-chave:** ensino de filosofia; livro didático; formação; Nietzsche.

### **Justificativa/ Base teórica**

Nos escritos de juventude, como a *II Consideração intempestiva – Da utilidade e desvantagem da história para a vida*; *III Consideração intempestiva – Schopenhauer educador* e *Sobre o futuro dos nossos estabelecimentos de ensino*, estão presentes as críticas de Nietzsche à educação de seu tempo. Nesses escritos, o filósofo mostra-se preocupado com a cultura de sua época, com a supervalorização da história, com a formação para o mercado de trabalho, a cultura jornalística, etc. Esses e outros fatores, segundo Nietzsche, fizeram com que a cultura não agisse em favor da vida, que o conhecimento se tornasse apenas algo no interior de quem o possui, sem ação prática. Essa preocupação com a cultura moderna, ou com a falta dela, fez com que Nietzsche pensasse a formação de sua época, e, conseqüentemente, a educação de seu tempo.

As críticas de Nietzsche à superficialidade educacional de seu tempo, já estão preconizadas na obra *Sobre a filosofia universitária*, de seu “mestre” Schopenhauer. Nesta, duras críticas são feitas ao ensino estatal de filosofia: “pode ser uma coisa muito útil, desde que sirva para adequar melhor os estudantes aos fins do Estado, como também firmar na fé o público leitor; mas vender isto por filosofia é o mesmo que vender uma coisa por aquilo que ela não é” (2001, p. 86).

Na esteira do pensamento schopenhaueriano, Nietzsche se ocupa em tecer críticas aos estabelecimentos de ensino de seu tempo, alertando para o fato de que estes não podem formar indivíduos para a verdadeira cultura, para o pensamento. Isto porque, essas instituições estão a serviço de alguns interesses, como os comerciais, estatais, ou os de uma falsa bela forma. “*Grosso modo*, lamento que já tenhamos a necessidade de nos servir do jargão linguístico do proprietário de escravos e do empregador para a designação de tais relações que deveriam ser em si pensadas como livres de utilidade, desprovidas de necessidades vitais” (Nietzsche, 2003, p. 63-64).

Servindo a esses interesses, a educação passa a ter um caráter utilitário, de formação para o mercado de trabalho, para a obediência ou para a formação rápida

de pseudo-cultos, os eruditos, uma geração que Schopenhauer define como “completamente paralisada no espírito, tornada incapaz para todo o pensar” (2001, p. 58), geração esta que, especializada em apenas um campo do saber, forma a elite intelectual de seu tempo. Uma educação que serve a esses interesses não pode ser uma educação para o pensamento, para a cultura, já que, segundo Nietzsche,

toda educação que deixa vislumbrar no fim de sua trajetória um posto de funcionário ou um ganho material não é uma educação para a cultura tal como a compreendemos, mas simplesmente uma indicação do caminho que podem percorrer para o indivíduo se salvar e se proteger na luta pela existência (2007, p. 104).

## **Objetivos**

Para Nietzsche, o ginásio, que seria um correspondente ao ensino médio de nosso tempo, é de fundamental importância em um processo educacional. Desse modo, na busca de uma educação verdadeira, uma formação para o pensamento e a cultura, deve-se dispensar especial atenção ao ginásio, ou, no nosso caso, ao ensino médio. É dessa perspectiva que estamos interessados em lançar um olhar crítico para nossa situação educacional. Ora, segundo Nietzsche, uma tarefa central para o ginásio seria o ensino da língua. Ensinar os estudantes a falar e a escrever de uma forma correta, a expressar seus pensamentos de uma forma não vulgar. “Qual seria nesse caso a tarefa de um estabelecimento de ensino de alta qualidade, senão justamente a de levar ao caminho correto, através da autoridade e com uma severidade digna, os jovens cuja língua se tornou selvagem?” (Nietzsche, 2007, p. 69).

Um dos principais objetivos do ginásio, e do ensino médio, no nosso caso, seria o de ensinar aos jovens a sua língua materna, de ensiná-los a ler e a escrever em sua língua, acabando com o “desconhecimento das línguas antigas e mutilação da própria pelo corte desmiolado da palavra e da enumeração das letras segundo o critério pessoal dos ignorantes e dos cabeça ocas” (Schopenhauer, 2001, p. 61). Para isto, o professor deve ser capaz de “mostrar, ao analisar os clássicos linha por linha, com que cuidado e com que rigor é preciso fazer cada exame, quando se tem no coração um verdadeiro sentimento artístico e diante dos olhos a compreensão total do que se escreve” (Nietzsche, 2007, p. 69).

Pensando em nosso tempo, em nossas atuais condições de ensino, se temos como objetivo potencializar o ensino contra a mera formação utilitária para o

mercado de trabalho ou para a obediência, se queremos um ensino para o pensamento e para a cultura, mesmo dentro de instituições escolares atreladas aos interesses do Estado, se a sala de aula pode ser um lugar de exercício da resistência e da liberdade, apesar dos sistemas de controle que estão sempre à espreita, devemos pensar em como fazer para que nossas aulas de filosofia se comprometam com a criação de novas formas de vida, com o exercício criativo do pensamento e com a formação cultural dos estudantes.

Se, para Nietzsche, o ginásio, ou o nosso ensino médio, deve ter como principal objetivo o ensino da língua materna, o aprender a ler e escrever artisticamente, em contraposição à escrita técnica dos especialistas e jornalistas, acreditamos que o ensino de filosofia tem um papel fundamental nessa empreitada. Este seria um espaço em potencial para a leitura dos clássicos linha por linha, o que faz com que problematizemos a adoção de livros didáticos na aula de filosofia, esses materiais que “facilitam” o acesso dos estudantes aos clássicos.

À luz do exposto, o objetivo das investigações que deram origem a este trabalho, está focado na verificação das condições de viabilidade do estudo dos clássicos da história da filosofia no nível médio, à luz do que Nietzsche chama de uma leitura artística, o que leva à problematização da forma de se tratar a história da filosofia, bem como a adoção de manuais e comentadores para “facilitar” esta leitura.

## **Metodologia**

No sentido de superar o dualismo entre teoria e prática, o velho preconceito de que um bacharel é um produtor de conhecimento e o licenciado apenas reproduz o conhecimento gerado na sala de aula, esta pesquisa se dá simultaneamente nos dois campos, já que a nosso ver o professor deve ser sempre um pesquisador, interessado naquilo que ensina, produzindo o conhecimento a ser repassado, na mesma medida que um pesquisador também é um professor, já que busca divulgar os resultados de suas pesquisas.

A pesquisa de campo se dá no Colégio Estadual Pré-Universitário, em Goiânia, onde ministramos uma disciplina optativa de filosofia por meio da leitura dos clássicos, de uma forma artística, viva, fazendo conexões com os problemas da existência dos alunos e com questões que os inquietam. O problema filosófico indicado pelos alunos para ser estudado na disciplina foi a questão do aborto. O estudo foi realizado com o apoio de um texto do filósofo australiano Peter Singer.

Paralelamente à leitura e análise do texto filosófico, fizemos a investigação de como se ler textos de filosofia de forma viva e ativa, visando a formação humana e cultural dos estudantes, à luz do pensamento de Nietzsche e Schopenhauer.

## **Resultados/ Discussão**

Na esteira de Nietzsche, a leitura dos clássicos de filosofia deve se dar de forma viva, os estudantes devem ser incitados a pensar sua existência, a se apropriar desses saberes “para a vida e para a ação, não para o abandono confortável da vida e da ação ou mesmo para o embelezamento da vida egoísta e da ação covarde e ruim” (Nietzsche, 2003, p. 5). Os clássicos da história da filosofia não devem ser vistos como mortos e enterrados no passado histórico, mas como algo vivo e sempre portador de uma novidade a ser dita sobre nossa existência, sobre nossas vidas, sobre nossa contemporaneidade.

Em sua *II Consideração intempestiva*, Nietzsche trata dos problemas em se assumir a história com um papel central na formação de um povo, já que, para ele, “precisamos da história, mas não como o passeante mimado no jardim do saber” (Nietzsche, 2003, p. 5). Para ele, a filosofia fica prejudicada quando se assume tal concepção já que “pensa-se, escreve-se, imprime-se, fala-se, ensina-se filosoficamente – até aí tudo é mais ou menos permitido; somente no agir, na assim chamada vida, é diferente: aí apenas uma coisa é permitida e todo o resto é simplesmente impossível: assim o quer a cultura histórica” (Nietzsche, 2003, p. 43-44). A filosofia, toda a sua contribuição torna-se inútil quando se assume a história como centro na formação cultural, já que o conhecimento passa a ser apenas algo interiorizado, sem valor para a ação na vida, no mundo.

Assim, como nos dizem Gallo e Kohan (2000, p. 182): “um professor que apenas reproduza, que apenas diga de novo aquilo que já foi dito não é, de fato, um professor de filosofia; o professor de filosofia é aquele que dialoga com os filósofos, com a história da filosofia e, claro, com os alunos, fazendo da aula de filosofia algo essencialmente produtivo”.

## **Conclusões**

Partindo da ideia nietzschiana de exame rigoroso dos clássicos e de “tratar o vivo como vivo”, acreditamos ser um tanto quanto problemática a adoção dos livros didáticos como textos centrais nas aulas de filosofia. Os livros didáticos de filosofia,

em geral, apresentam de forma enciclopédica o pensamento dos filósofos, de uma maneira rápida, que Nietzsche chamaria de jornalística. Nos livros didáticos não estão presentes o pensamento do filósofo, mas interpretações simplificadoras com vistas a ser absorvido de forma rápida pelo estudante, para que ele possa se munir do conhecimento necessário que o habilite a ter acesso ao mercado de trabalho.

Assim, o livro didático se assemelha à forma em que Nietzsche via o jornal em seu tempo, como algo que “substitui a cultura” (2007, p. 65), que toma o lugar do gênio para passar informações rápidas e momentâneas. Em um livro didático não está presente o pensamento do filósofo, o porquê de este filosofar, as suas inquietações, as suas angústias, mas uma redução deste pensamento apresentado apenas em forma de resultados. Desse modo, o saber se torna apenas mais um conhecimento a ser interiorizado e reproduzido pelo estudante. Não há aí um movimento do pensamento, um filosofar.

Em suma, o que pretendemos com o ensino de filosofia está muito próximo do que propõem Gallo e Kohan (2000, p. 195): “que todo jovem, ao ter contato com a filosofia, possa desenvolver experiências de pensamento, aprendendo a reconhecer e a produzir, em seu nível, conceitos, a fazer a experiência da crítica e da realidade sobre a sua própria vida, a desenvolver uma atitude dialógica frente ao outro e ao mundo e, fundamentalmente, possa aprender uma atitude interrogativa frente ao mundo e a si mesmo”.

### **Referências bibliográficas**

GALLO, Silvio; KOHAN, Walter Omar. *Crítica de alguns lugares-comuns ao se pensar a filosofia no ensino médio*. In: GALLO, S; KOHAN, W.O. (Orgs.). *Filosofia no ensino médio*. Petrópolis: Vozes, 2000.

NIETZSCHE, Friedrich. *Escritos sobre educação*. Rio de Janeiro: Edições Loyola, 2007;

\_\_\_\_\_. *Segunda consideração intempestiva: da utilidade e desvantagem da história para a vida*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2003.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre a filosofia universitária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

**Fonte de financiamento:** CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior / Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID